

Editorial

Caras leitoras, caros leitores!

Apresentamos mais um número da *Ilha – Revista de Antropologia*, publicação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Este número é composto de 10 artigos, uma tradução e uma resenha. Em “Certificação e disciplina: a produção cotidiana da conformidade orgânica”, Felipe Puga nos conta sua etnografia sobre a certificação participativa de produtos orgânicos, seus procedimentos alternativos aos procedimentos das políticas de auditoria e a certificação de terceira-parte e seus potenciais efeitos disciplinadores e burocratizantes. Em seu texto, acompanhamos o desdobramento das políticas de certificação, bem como as práticas de coletivos de agricultores em busca de conformidade orgânica.

Já María Eugenia Domínguez nos coloca para dançar com seus amigos do Chaco boreal paraguaio, descrevendo seus movimentos no ritual *Arete guasu* no artigo “Sentido na dança – sobre os movimentos no *Arete guasu* dos Guarani do Chaco Boreal Paraguai”. O texto destaca a importância da percepção sensorial na experiência ritual e performática dessa festa/ritual.

Com “Etnografia e tempo nos estudos educacionais”, Luiz Couceiro e Rodrigo Rosistolado refletem sobre duas diferentes perspectivas com relação aos estudos etnográficos em educação, tendo a categoria tempo como mediação importante de sua reflexão.

Já Adriana Rezende Silva reascende nossa memória sobre o massacre do Carandiru, a partir das memórias daqueles que sobreviveram. Em “Você não morreu ainda? Narrativa, experiência e memória a partir do massacre do Carandiru”, a autora analisa as narrativas de dois sobreviventes publicadas em livros em 2001 e 2002 e nos conduz por uma etnografia da violência, que revela os sentidos da experiência vivida por eles e as formas de reelaborar suas existências.

Paulo Roberto Homem de Goés nos faz pensar sobre um tema clássico da antropologia, o parentesco. No texto “Parentesco cosmológico e morfológico Mbya Guarani”, o autor descreve a morfologia social desse povo indígena em relação às dinâmicas gerontológicas e à cosmologia Guarani.

Daí, seguimos para os movimentos de resistência à mineração e para a luta por acesso à água em uma comunidade do norte peruano. “Por uma imunidade contra o Banquete Diabólico: reflexões sobre roubo, religião e mineração nos Andes do Norte do Peru” Adriana Peñafiel nos conta sobre essa “guerra contra o mal”, representada pela mineração, traçando aspectos religiosos importantes para essa narrativa.

Ainda em “A política dos lados: produção da alteridade na TI São Jerônimo”, Roberta de Queiroz Hesse e Marta Amoroso narram os modos de gestão e relação interétnica num território dividido entre povos Guarani e Kaingang. As autoras tratam do tema sob a luz das relações de parentesco, pontuando os efeitos das políticas indigenistas ao longo da história desse território.

No artigo “Relações intersubjetivas e interespecies em um lugar ‘distante’: a Coxilha Rica”, Eduardo Hector Ferraro nos fala das socialidades entre animais humanos e não humanos e suas espacialidades próprias. O texto fala das condições geográficas locais e das formas de categorização do lugar pelas pessoas, a partir de suas relações multiespécie.

“Entre cérebros, *psychés* e culturas: notas para o debate sobre a epistemologia que embasa serviços de saúde mental para imigrantes-refugiados em São Paulo” aborda os pressupostos do atendimento de saúde mental a partir de análises de Roy Wagner e Lévi-Strauss. Alexandre Branco-Pereira apresenta aspectos de sua etnografia com médicas psiquiatras, psicólogas e psicanalistas que organizam esses sistemas de atendimento à saúde e suas concepções do conceito de cultura.

Finalmente, o texto “Falas e comensalidade: políticas e coletivos em um acampamento de retomada entre os Kaingang da TI Queimada (Ortigueira/PR), de Rodrigo Graça e Ricardo Cid Fernandes, reflete sobre a produção de chefes/lideranças no processo de retomada da terra, bem como sobre os momentos de comensalidade e de sociabilidade que constituem o cotidiano do acampamento. Todos os artigos, que foram avaliados por pareceristas *ad hoc* e revisados pelos autores após a avaliação, apresentam suas contribuições ao debate antropológico, oferecendo ricas análises dos dados etnográficos oriundos de pesquisa de campo e da pesquisa com documentos.

Publicamos ainda neste número a tradução “Religião e Economia Moral”, de Webb Keane, e a resenha de “Neoliberalismo e gestão do sofrimento psíquico”, obra organizada por Vladimir Safatle, Nelson da Silva Junior e Christian Dunker, duas importantes contribuições para o debate contemporâneo.

A *Ilha – Revista de Antropologia* é uma publicação que reúne artigos inéditos, resenhas, traduções, ensaios bibliográficos e dossiês temáticos que contribuam para o debate contemporâneo no campo da antropologia. Temos seguido nosso compromisso de divulgação da pesquisa científica no âmbito da antropologia, primando pela seriedade e pelo rigor na produção desse conhecimento. A revista *Ilha*, seguindo a tendência contemporânea, passou a ser publicada exclusivamente *on-line*, sendo esta uma forma mais ágil e sustentável para a ampla divulgação de nossa produção.

Desejamos a todos e a todas boas leituras!

Viviane Vedana

Editora-Chefe